

# **Entre o antes e o depois: o despertar filosófico na crônica *Antonio 56 ½* sob o olhar subjetivista ontológico de Sartre**

Maria Elvira Brito Campos  
Francisca Marciely Alves Dantas  
UFPI

**Resumo:** A inevitável passagem do tempo provoca no indivíduo sensações desconhecidas que o impelem ao abismo da própria existência. Assim, a escrita enternecedora de Antonio Lobo Antunes permite captar instantes conscienciosos em que se pode visualizar a “angústia” diante da liberdade de escolha. Neste artigo busca-se analisar de que maneira o temporal interfere na existência do ser, relacionando os conceitos e categorias ontológicas acerca do pensamento da existência. As obras *O ser e o nada* (SARTRE, 2008) e *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2002) fundamentam o estudo aqui proposto, buscando circunscrever os estágios ontológicos: *em-si*, *para-si* e *para-outrem*, explicitando o que podemos caracterizar de subjetivismo do ser.

**Palavras chave:** Literatura Portuguesa. Crônica. Filosofia.

**Abstract:** *The inevitable passage of time causes the individual unfamiliar sensations that push him to the abyss of his own existence. Thus, the softening written by Antonio Lobo Antunes conscientious lets you capture moments in which one can view the "distress" in the face of freedom of choice. This paper seeks to examine how the temporal interferes with the existence of being, relating the concepts and thinking about the ontological categories of existence. The work Being and Nothingness (SARTRE, 2008) and Being and Time (Heidegger, 2002) underlie the study proposed here, seeking to circumscribe the ontological stages: in-itself, for-itself and for-others, explaining what we characterize subjectivism of being.*

**Keywords:** Portuguese Literature. Chronicle. Philosophy.

“E aqui ando eu, todo arrepiadinho, a esgalhar uma crônica”.  
António Lobo Antunes

Debruçar-se sobre o texto ficcional de Antonio Lobo Antunes significa visualizar uma linguagem poética tecida no âmago de um contexto social e literário permeado por mudanças. O rápido processo de transformação que caracteriza a sociedade contemporânea

reflete-se de maneira substancial na superfície estrutural do texto, e acaba por revelar um mundo fragmentado, mostrando inversão de valores e a crise do homem moderno. Nesse momento, as sequências históricas deixam de ser o centro absoluto e abre-se espaço para os personagens, que ocupam o lugar principal na trama, envolvidos em um espaço e tempo propícios para o aparecimento de questões que delineiam o homem pós-moderno, inserindo a ideologia dominante da época. Essa nova forma de representação ficcional, dominante nos anos anteriores e, que agora ganha uma relevante versatilidade é definida como experimentalismo literário. Segundo Massaud Moisés, em *A literatura portuguesa* (2008), essa fase se caracteriza dessa forma:

Livre das injunções circunstanciais, dos alinhamentos automáticos, a nova fornada de prosadores reconquista o direito à individualidade. Ideologicamente desembaraçados, inclusive para defender as suas convicções sem o recurso à máscara, mas orientados por outro senso de realidade, desembaraçam-se no plano da construção romanesca e da linguagem: a estrutura ficcional rompendo os compromissos de verossimilhança fotográfica, em voga na conjuntura dominante até 1974, articula-se ao sabor do enredo e da matéria imaginária nele plasmada. (p.526)

Nesse sentido, percebe-se na produção literária de Antunes uma escritura peculiar que provoca no leitor questionamentos e um olhar crítico diante de si mesmo e da realidade social que o circunda. Suas obras revelam uma sutileza na linguagem e uma construção narrativa que delineia um subjetivismo profundo, revelando um realismo direto e franco. Conforme aponta Moisés (2008, p. 530) o referido autor engendrou em sua escrita “o dia-a-dia vivido, presenciado ou lembrado”, dando origem a uma linguagem poético-filosófica, que chama atenção por sua extrema delicadeza descritiva. Antunes recria em sua produção escrita um mundo obsessivamente materialista. Alguns dos seus personagens são esvaziados, solitários, “que preenchem o espaço do desejo não com aventura, mas, sim, com a autolamentação, com a autodestruição” (GOMES, 1993, p. 91). Além disso, observamos ainda em seus romances a força da linguagem metafórica, traduzindo a imagem de uma realidade que se deixa penetrar pelo surreal, alucinante.

Outra característica marcante, em especial em suas crônicas, é a sobreposição dos planos temporais, assumindo uma função crítica essencial, uma vez que permite ao personagem compreender melhor o presente analisando os mecanismos do passado, levando-o, por vezes, a um estado de angústia latente. A narrativa do escritor português chama atenção para os dramas da existência humana e suas inquietudes, desvendando uma densidade poética que se revela por meio de palavras articuladas e fragmentos soltos que redesenham paisagens humanas, exteriorizando o que podemos chamar de ontologia existencial do ser. Isso possibilita enxergar a

literatura como um espelho das transformações que se cristalizam, em especial no contexto sócio-histórico do século XXI.

Desse modo, o discurso literário sofre influência de substratos ideológicos e filosóficos, no entanto, não perde o teor subjetivo que o caracteriza. A respeito disso, Suely Fadul na obra *O leitor e o labirinto* (1997, p. 45) acentua que “a obra confunde o leitor que, em lugar da sensação de segurança e domínio - abrigo -, vai experimentar como narratário, como leitor participante do texto, juntamente com as personagens, a insegurança e a incerteza de uma realidade flutuante”. Assim, enveredar pela trama ficcional portuguesa contemporânea é assinalar um forte elo entre a renovação da construção romanesca e a representação de um novo contexto social que emerge.

Antonio Lobo Antunes concebe por meio de sua ficção uma forma de manifestação subjetiva da existência humana. Temos, dessa forma, a criação de cenas prosaicas, “crônicas do viver humano”, em que as experiências e os devaneios dos personagens ocupam o lugar central na trama. São temas recorrentes em suas crônicas a autobiografia, o resgate da memória, a busca pelo tempo perdido, os confrontos imagéticos dos sujeitos líricos diante do espelho da existência. O próprio ofício de escritor torna-se uma temática em sua ficção e através da metalinguagem poética podem-se vislumbrar horizontes possíveis de sentido no texto literário, por meio de suas metáforas e alegorias. O escritor português registra em suas crônicas a representação de um tempo e um mundo sentido pelo sujeito lírico em determinados momentos de sua existência, condensado em sua escrita laboriosa e densa.

Aquilo a que costumamos chamar circunstâncias e não passa, muito simplesmente, do que consentimos que a vida e as pessoas nos façam, obrigaram-nos cada vez mais a refletir sobre si mesmo. Aos vinte anos julgava que o tempo lhe resolvia os problemas: aos cinquenta dava-se conta de que o tempo se tornara o problema. (ANTUNES, 2002, p. 17)

A escritura de Antonio Lobo Antunes propicia o adentramento no cognoscível existencial humano. E eis que se chega ao ponto crucial que permeia esse estudo: o poder de escolha concebido ao homem, definindo a composição poética como uma instância que questiona os aforismos que interpolam a existência. E como bem marca Sartre em sua obra *O que é a Literatura* (1999), ficção e realidade se entrecruzam, se confundem, personagens da vida real se transformam em seres de papel.

As palavras estão ali como armadilhas, para suscitar nossos sentimentos e fazê-los reverter sobre nós; cada palavra é um caminho de transcendência, dá forma e nome às nossas afeições; ela atribui a uma personagem imaginária que se incube de vivê-las por nós e que tem como única substância essas paixões

emprestadas; a palavra lhe confere objetos, perspectivas, um horizonte (SARTRE, 1999, p. 38).

Nesse momento, apreende-se como os elementos linguísticos se organizam na superfície do texto e conferem um tom existencial à narrativa. Orientado pelo princípio da liberdade, o filósofo francês Sartre discute em seus postulados a questão das escolhas diante das adversidades que a existência impõe ao homem.

Estou condenado a existir para sempre Para-além de minha essência, Para-além dos móveis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. Significa que não se poderia encontrar outros limites à minha liberdade além da própria liberdade, ou, se preferirmos, que não somos livres para deixar de ser livres (p. 544).

Para tanto, aqui será analisada a crônica *Antonio 56 ½*, publicada em 2002, sublinhando ângulos pouco iluminados por outras correntes críticas, e elucidando pontos de convergência entre a Literatura e a Filosofia, propondo-se, dessa forma, um saber inter-relacional com outras áreas do conhecimento, uma vez que ambas se relacionam de maneira profícua e se tornam, metaforicamente, o próprio fio de Ariadne que conduz ao entendimento da existência humana a partir do fazer literário. Nesse sentido, a leitura crítica aqui proposta busca determinar o equilíbrio entre os aspectos teóricos filosóficos e as peculiaridades que constituem o texto artístico.

Como fora explicitado antes, a estrutura narratológica do texto literário se transforma à medida que a realidade social passa por mudanças. E diante desse discurso literário inovador se sobressai um elemento fundamental e que irá conduzir e problematizar o enlevo existencial que se configura no plano da ficção: a voz da narrativa. O narrador assume, agora, o papel de trazer à tona o processo de tomada de consciência, intuindo um mundo de valores e exteriorizando-o a partir da experiência do ser ficcional na narrativa. Com relação ao desdobramento do narrador na instância poética, Saramago (1997) afirma que:

[...] há um outro tipo de narrador, mais complexo, que não tem uma voz única; é um narrador substituível, um narrador que o leitor vai reconhecendo como constante ao longo da narrativa, mas que algumas vezes lhe causará a impressão de ser outro. Digo outro porque ele se colocou num diferente ponto de vista, a partir do qual pode mesmo criticar o ponto de vista do primeiro narrador. O narrador será também, inesperadamente, um narrador que se assume como pessoa colectiva. Será igualmente uma voz que não se sabe donde vem e que se recusa a dizer quem é, ou usa duma arte maquiavélica que leve o leitor a sentir-se identificado com ele, a ser de, algum modo, ele. (apud FADUL, 1997, p. 103)

Considerando isso, a voz que se lança na crônica de Antunes possibilita o surgimento de questionamentos acerca da existência humana, pois o texto literário coloca em jogo conflitos entre essência e aparência. Observando o desenvolvimento do narrador no texto antuniano visualiza-se um olhar diferente diante do porvir, percebido a partir da maneira como a voz conduz a trama. A crônica em questão desvenda um escritor, aparentemente com seus 56 anos completos, que se vê diante da passagem de sua vida, vivida ao acaso e livre de desejos ansiosos, em que tudo ocorre conforme a organização natural da ordem das coisas.

O texto se inicia com a reverberação do narrador em terceira pessoa, que busca entendimentos plausíveis para as provocações impostas pela trágica condição de existir. Isso se dá a partir do momento que a voz da narrativa observa as atitudes tomadas pelo personagem que protagoniza a crônica.

Aquilo a que costumamos chamar circunstâncias e não passa, muito simplesmente, do que consentimos que a vida e as pessoas nos façam, obrigaram-nos cada vez mais a refletir sobre si mesmo. Aos vinte anos julgava que o tempo lhe resolvia os problemas: aos cinquenta dava-se conta de que o tempo se tornara o problema. Jogara tudo no acto de escrever, servindo-se de cada romance para corrigir o anterior em busca do livro que não corrigira nunca, com tanta intensidade que não lograva recordar-se dos acontecimentos que haviam tido lugar enquanto os produzia. (ANTUNES, 2002, p. 17)

A problemática existencial inserida no discurso dialógico do narrador não se configura apenas como uma estratégia discursiva peculiar de um novo conceito romanesco, mas também possibilita ao leitor pensar nas diferentes representações humanísticas do ser. O que se percebe no construto poético é um personagem em desespero, contornado por uma sensação de conformismo que o leva a viver de maneira previsível, exata. O ofício de escritor tem se tornado uma fuga e ao mesmo tempo uma ocupação que o leva ao extremo de sua própria condição: o desconforto diante do transitório.

A postura assumida pelo narrador demonstra que o sujeito ficcional procura subterfúgios, uma maneira de se esquivar das consequências advindas de suas decisões. Isso permite a aparição de um eu poético inautêntico, incapaz de referir a si próprio como responsável pelas escolhas eleitas. O escritor que é anunciado no texto de Antonio Lobo Antunes é apresentado como aquele que rejeita a posse da verdade e se encontra perdido nos desvarios que permeiam sua subjetividade ontológica.

O narrador põe em relevo a extrema dedicação do escritor ao ato de escrever e como ele esqueceu-se de construir o enredo de sua própria história. Visualiza-se na alocação do narrador onisciente a responsabilidade que é atribuída ao indivíduo, construindo um discurso que

confronta com a atitude do eu-lírico presente na crônica. Durante todo o desenrolar da trama, percebe-se uma voz exasperada que relata os acontecimentos vivenciados pelo escritor, descrevendo a maneira como o mesmo manuseia o seu proibido tecido existencial.

Esta intensidade e este trabalho faziam que não sofresse outra influência que não fosse a sua nem erigisse como modelo nada fora de si, embora a tornassem mais sozinho do que um casaco esquecido num quarto de hotel vazio, enquanto o vento e a desilusão fazem estalar, à noite, a persiana que ninguém fechou. (ANTUNES, 2002, p. 17)

Prisioneiro de uma rotina, o escritor se prende na solidão do quarto vazio e se isola do universo lá fora, substituindo o apazível risco de viver por um destino amargo e certo, privando-se de uma vivência mágica e flutuante. Assim, o personagem se depara com sua condição indiferente perante o mundo.

Na senda de um narrador complexo que se concretiza na estrutura linguística do texto, o escritor se descobre incapaz de registrar outra história para si, julgando que o “tempo” se tornara o grande obstáculo. Compreendendo o tempo como infinitos instantes, o indivíduo é apresentado com a liberdade de realizar escolhas a cada momento. E conforme ilustra Sartre em *O ser e o nada* (2008, p. 465) a “escolha tem por limite a própria liberdade; ou seja, está assombrada pelo espectro do instante”, assim entende-se que a existência humana se faz a partir de escolhas eleitas no cotidiano.

E são justamente essas escolhas definidas cotidianamente que despontam o homem ao mundo e recriam visões fragmentárias e desconexas, montando um retrato humanístico do indivíduo a partir do olhar do outro. O narrador imagina e singulariza a essência do escritor por meio da imagem que lhe foi apresentada diante de seu olhar.

Não conhecendo a tristeza sabia o que era o desespero: o próprio rosto no espelho para a barba da manhã, ou antes não um rosto, pedaços de rosto reflectidos numa superfície inquieta, incapazes de construir o presente, devolvendo-lhe fragmentos soltos de passado que se não ajustavam (tardes no jardim, bibes, triciclos) e transmitindo mais um sentimento de estranheza que uma lembrança comovida, o qual ajuizava para ajudar a sonhar os que não tinham coragem de sonhar sem ajuda. (ANTUNES, 2002, p. 18)

Ao descrever a cena do escritor diante do espelho, o narrador mentaliza uma íntima desorganização existencial. As lembranças do passado se juntam aos estilhaços de um presente, sob a caricatura de uma imagem distorcida. Metaforicamente, esse mesmo espelho ilustra o mundo que circunda o ser de papel e que apenas devolve, como consequência e por “sua própria articulação, a imagem do que somos” (SARTRE, 2008, p. 571), ou seja, as nuances do resultado

do processo de escolha. E aqui, o narrador se confronta com a “sobrevivência” de um escritor marcada por desajustes, construída a partir de um ângulo racional extremo, criticada pela visão maquiavélica da voz narrativa.

À ética de consumo dos outros contrapunha uma ética de produção, não por qualquer espécie de virtude (não possuía virtudes) mas por incompetência de utilizar os mecanismos práticos de felicidade. O desprezo pelo dinheiro derivava de uma malformação sem parentesco algum com o amor da pobreza. Considerava a conta no banco como os livros desinteressantes empilhados no fundo da casa: qualquer dia, num impulso de higiene, venderia as notas a peso. (ANTUNES, 2002, p.18)

O aparente artificialismo da profissão incorporado à vivência do escritor revela uma existência vazia. Embora, o então personagem produza intensamente e receba por isso, a função desempenhada por ele apenas serve como fuga de si, daquilo que o sufoca, não havendo espaço para pensar no existir. Diferentemente disso, Sartre afirma que o indivíduo “é aquele que deve, como livre projeto de si, dar a si a existência mágica ou a existência racional” (SARTRE, 2008, p. 550). Considerando que a existência é marcada por limitações, como o nascimento e a morte, o espaço entre os dois eixos deve ser marcado pela luta para não perder a consciência daquilo que, a todo instante, é construído, a partir das ações resolvidas. O narrador possuído por um imenso poder de argúcia se esforça para tentar compor o modo de ser a que está fadado o escritor:

O apreço dos jovens escritores e dos aspirantes a escritores que lhe enviavam manuscritos e cartas confundia-o: como entender que houvesse mulheres e homens dispostos a existirem, quotidianamente, na aflição e na angústia? Nunca decidira fazer livros: qualquer coisa ou alguém impunha-lhe que os fizesse e dava graças a Deus que aqueles de quem gostava fossem criaturas livres e o considerassem com essa espécie de indulgência que se sente em relação a quem perdeu um braço ou uma perna ao serviço de uma causa insensata. Os amigos tinham tendência a guiá-lo com a mão amável com que se conduz um cego, avisando-os dos desníveis da rua, certos que uma inocência desamparada o habitava deixando-o indefeso, à mercê de quase tudo e principalmente de si próprio. (ANTUNES, 2002, p. 18)

Interessante como o próprio narrador questiona o apreço dos jovens escritores e aspirantes ao personagem em questão, uma vez que o escritor se encontra enlaçado nas brechas da inautenticidade. A recusa a se constituir como uma “criatura livre” leva o sujeito lírico a viver guiado pelos outros, delegando suas escolhas a outras pessoas e abdicando de sua liberdade. Como bem ressaltou Sartre em *O ser e o nada* (2008, p. 545) “para a realidade humana, ser é *escolher-se*: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa *receber* ou *aceitar*” (grifos do

autor), a existência se faz a partir do processo de escolha, inerente ao homem. O escritor se nega a escolher e se torna ele mesmo seu próprio obstáculo a ser transcendido.

A entrega profunda do personagem ao seu ofício o conduz de maneira inebriante ao fundo de seu descontentamento, e o mesmo não consegue desvencilhar da fadiga de sua profissão, uma vez que escrever representa o consolo e a doçura de continuar existindo.

Se pudessem tiravam-lhe os atacadores e o cinto como se faz aos presos a fim de o impedir de escapar-se sabe-se lá para onde ou de morrer por descuido, dado que não distinguia o açúcar da areia nem os diamantes do vidro, ocupado como andava a gravar as palavras tão profundamente que se pudessem ler, como Braille, sem o auxílio dos olhos. Que o dedo corresse pelas linhas e sentisse o fogo e o sangue. Pra que sentisse o fogo e o sangue tornava-se necessário que ele ardesse e sangrasses. (ANTUNES, 2002, p. 18)

A escrita tornou-se para o personagem um modo de escapar de si mesmo, da consciência de suas escolhas. O não reconhecimento de um mundo que não seja o seu coloca o escritor diante do abismo da sua existência. O que lhe proporciona regozijo é escrever intensamente e buscar palavras que toquem profundamente o imaginário do leitor, mesmo que isso lhe cause sofrimento e aflição. Desse modo, é “que a liberdade está perpetuamente em questão em meu ser” (SARTRE, 2008, p. 543), engendrando motes que levam o homem a refletir sobre si mesmo.

O narrador tece relações existenciais durante todo o trajeto da narrativa, a partir dos fatos relatados da vida de outrem, mostrando sempre o lado inautêntico do escritor. Porém, a própria voz que se aponta na crônica provoca indagações a respeito da experiência humana e num momento impensado compartilha das sensações provadas pelo escritor que se manifesta em suas palavras. E nesse instante, o mesmo parece apossar-se das comerações que atormentam o personagem.

Saberiam os aspirantes a escritores o que se paga por uma página? A diferença entre o puro e o impuro? Quando se deve trabalhar e quando se deve parar de trabalhar? Que o sucesso nada vale, primeiro porque já estamos noutra lado e segundo porque as qualidades são, quase sempre defeitos disfarçados e é desonesto satisfazer-nos com que nos louvem pelos nossos defeitos habilmente escondidos? Saberiam os aspirantes a escritores que não alcançar o que queremos é, no melhor dos casos, o nosso amargo triunfo? Que o romance acabado nos deixou demasiado exausto para nos trazer alegria e que o pavor de não conseguir o próximo livro começa logo de imediato a perturbar-nos? (ANTUNES, 2002, p. 18)

A prosa enigmática de Antonio Lobo Antunes acaba por mostrar um narrador confuso diante de um mundo singular. Levando em consideração o plano estrutural da crônica, temos de início um narrador que reflete sobre si mesmo, tendo como ponto de partida os fatos

vivenciados por outro. Posteriormente, o mesmo segue descrevendo o cotidiano do escritor e acaba por definir-se em relação à própria existência.

Tardes no jardim, bibes, triciclos. Agora que o tempo resolveu os problemas e se tornou ele, o tempo o problema, reparou que as filhas se transformaram em mulheres e era noite. Mas, com um pouco de sorte, talvez deixasse atrás de si não um rastro, não a sua sombra, não uma memória: somente aquilo que, de mais profundo, em si escondia: o que tinha a mais que os restantes. E então, quando chegasse a hora, poderia deitar-se em paz, fechar os olhos, dormir: finalmente tornara-se apenas igual a vocês. (ANTUNES, 2002, p. 19)

Por meio da lembrança nostálgica de uma paisagem que colore a memória do escritor: “Tardes no jardim, bibes, triciclos” (ANTUNES, 2002, p. 19), o narrador onisciente analisa e conclui que o tempo se tornara, realmente, o problema na existência do sujeito ficcional. E como todo texto dialoga com outro, o narrador toma para si, nesse instante, a fala do porteiro que percorre o texto kafkiano: “Ninguém podia pretender isso, porque esta entrada era somente para ti. Agora vou fechá-la” (KAFKA, 2011, p. 243). Conforme a voz narrativa relata, com um “pouco de sorte”, talvez, Antonio consiga deixar marcado em seus leitores a experiência de se deleitar em sua escrita demasiadamente profunda, já que não conseguiu viver o suficiente para marcar no tempo as cenas de um viver pleno e intenso, ou seja, uma existência entregue ao sabor do destino.

Buscando um sentido filosófico-literário na crônica *Antonio 56 ½* (2002) observa-se um percurso consciencioso trilhado pelo narrador, a partir daquilo que é vivenciado por Antonio, personagem da crônica. Temos então, o narrador que põe a própria existência em questão e que acaba por fechar um círculo dialético, partindo de posições que se distanciam e se aproximam do ser que é modelado em seu discurso. Assim, apreende-se na crônica em questão movimentos que balizam uma voz narrativa frágil, revelando encontros e desencontros, a partir da relação do narrador “consigo mesmo” e com o “outro”.

O escritor é situado num tempo e espaço arquitetados pelo narrador, servindo como paradigma de uma construção humana despedaçada. Porém, o que se percebe nesse labirinto poético é a convergência de pontos que iluminam e fazem pensar nas diversas representações humanas propiciadas pelas escolhas. Representações que ora se manifestam de maneira autêntica, ora se disfarçam, porém não escondem a face do indivíduo como um ser que tem consciência das ações que realiza.

Em seus estudos filosóficos, Sartre aponta os estágios que perfazem a consciência e constituem categorias que definem a ontologia do ser. Tomando como pano de fundo a

investigação fenomenológica sartriana, o narrador apresenta o escritor como um “objeto” de suas reflexões, apontando os desvios de sua existência: “o Outro está presente a mim onde quer que seja, como aquilo pelo qual eu me torno objeto” (2008, p. 645). Isolado do universo que o circunda, o escritor se encontra em ser-em-si, uma vez que não se reconhece conscientemente com um ser existente e capaz de tomar decisões.

Esse não reconhecimento de si mesmo faz com que o escritor se torne aos olhos do outro um modelo de vivência passível de julgamentos. O narrador ora se abisma com as atitudes tomadas pelo personagem ora compartilha desses mesmos sentimentos, desvendando, assim, as contradições que circundam a existência. O ser-para-outro se constitui nessa ponte entre o “eu” e o “outro”, em que a voz que narra se desdobra poeticamente no ser-para-si e no ser-para-outro em determinados momentos da crônica. Nesse sentido, “pelo olhar, experimento o Outro concretamente como sujeito livre e consciente” (SARTRE, 2008, p. 348), e é dessa forma que o narrador se configura na trama de Antonio Lobo Antunes apossando-se do outro e experimentando sua subjetividade, desejando a sua infinita liberdade.

Essa percepção do outro e da existência põe limite à liberdade do narrador e faz com que o mesmo perceba uma nova dimensão humanística para si. É como se por um instante, o narrador sentisse o mesmo desespero vivenciado pelo escritor e compreendesse as agruras do existir e a facticidade que lhe são inerentes.

Se o ser deve ser apreendido a partir do tempo e os diversos modos e derivados do ser só são de fatos compreensíveis em suas modificações e derivações na perspectiva do tempo e com referência a ele, o que então se mostra é o próprio ser, e não apenas o ente, enquanto sendo e estando “no tempo”, em seu caráter “temporal”. (HEIDEGGER, 2002, p. 46)

Desse modo, narrador e personagem visualizam um clímax trágico: o tempo rouba nosso próprio tempo. E aqui se delineia um pensamento inautêntico, pois não há nada que constitua limite à liberdade que esteja além da própria liberdade, nem mesmo o tempo. A existência por si só se faz trágica, existir exige do indivíduo um comprometimento profundo com as escolhas eleitas, pois “ser livre é ser-livre-para-mudar” (SARTRE, 2008, p. 263). A cada instante que passa é acertada ao homem a liberdade de se fazer, de se projetar rumo a um porvir e construir sua própria história, arriscando-se e se arremessando junto à incerteza que permeia cada ato decisivo, uma vez que para sentir “o fogo e o sangue tornava-se necessário que ele ardesse e sangrasses” (ANTUNES, 2002, p. 18). Esse extravasamento da essência humana singulariza cada ser como o único e responsável por suas escolhas.

O estudo da crônica *Antonio 56 1/2* (2002) aqui apresentado possibilitou, através do viés filosófico, uma leitura reflexiva e diversa sobre o texto literário. Além de permitir conhecer e aprofundar mais sobre a Literatura Portuguesa Contemporânea, esse estudo abriu caminhos para a exploração de novos arranjos da linguagem e da construção do plano temporal na tessitura narrativa, sendo estas, organizações textuais peculiares da nova gama de escritores portugueses que vem surgindo.

No entanto, o que chama a atenção na linguagem tensionada de Antonio Lobo Antunes é maneira como o autor transforma “o trivial” em escritos que tematizam questões fundamentais do ser humano, tornando dizíveis os sentimentos líquidos que atormentam o homem em sua busca pelo porvir. A condição humana torna-se objeto poético constante em sua escritura, em especial em suas crônicas, trazendo à luz reflexões que permeiam a liberdade e o poder de escolha, sinalizando uma subjetividade que somente por meio da arte é possível alcançar em sua inteireza.

A crônica analisada demonstra a maneira como o personagem e o narrador se comportam diante do exame de sua existência na tessitura poética. Relativamente a isso, temos o confronto demasiadamente humano entre o indivíduo e o próprio tempo. Porém a angústia diante do instante que passa e que não volta mais é decorrente das constantes escolhas que o ser humano está condenado a realizar. O indivíduo está permanentemente se escolhendo e diante dessas decisões acertadas ou não, resta apenas a incerteza. E são essas ações que revelam o conceito sartriano de liberdade ontológica, transformando e construindo o cenário existencial do homem diante do mundo que o circunda, despontando as diversas cenas representativas que o mesmo pode assumir, a partir de seus atos.

Nesse sentido, as posições assumidas tanto pelo personagem quanto pelo narrador que se lançam nas crônicas de Antonio Lobo Antunes vão ao encontro do que Sartre investigava em seus postulados. Colocando em paralelo o aporte teórico e o texto literário, o estudo proposto apresentou o comparativo dos estágios existenciais (*em-si*, *para-si* e *para-outro*) e as representações de vivências a que estavam fadados os sujeitos ficcionais da narrativa poética, a saber, narrador e personagem. Isso se torna possível pelo fato de que a cada instante, por meio de escolhas, o homem se faz no mundo e põe em questão a sua própria liberdade.

Desse modo, com uma escrita poético-filosófica intensa de subjetivismo, o texto de Antonio Lobo Antunes propicia um estudo interdisciplinar, em que foi possível aproximar o pensamento de Sartre junto à tendência romanesca do autor. Com isso, foi possível demarcar a

angústia diante do poder de escolha, a partir das atitudes dos sujeitos ficcionais diante da passagem inevitável do tempo.

## Referências

ANTUNES, Antonio Lobo. *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

GOMES, Álvaro Cardoso de. *A voz itinerante*. Ensaio sobre o romance português contemporâneo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I. 12. ed. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

KAFKA, Franz. Diante da lei. In: *O processo*. Tradução de Torrieri Guimarães. Martin Claret: São Paulo, 2011.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

### Maria Elvira Brito Campos

---

Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2003). Pós-doutoranda em Literatura Portuguesa Contemporânea. Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Docente do Mestrado Acadêmico em Letras na mesma universidade. Coordenadora do Núcleo de Estudos Portugueses (NEP) e do Grupo de Estudos em Literatura Portuguesa Contemporânea - GELPC. E-mail: [mebcampos@hotmail.com](mailto:mebcampos@hotmail.com)

### Francisca Marciely Alves Dantas

---

Graduanda em Licenciatura Plena em Letras - Português, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do Grupo de Estudos em Literatura Portuguesa Contemporânea – GELPC. Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC (2011/2012), com o projeto: “Representações de vivências: uma visão do homem enquanto ser que está eternamente em questão nas crônicas de Antonio Lobo Antunes”, sob orientação da professora Dra. Maria Elvira Brito Campos. E-mail: [franmarciely@gmail.com](mailto:franmarciely@gmail.com)

*Enviado em 30 de dezembro de 2013.  
Aceito em 30 de abril de 2014.*